

Recessão ainda não é clara

Apesar dos sinais de retração, encomendas são altas

SÉRGIO RODRIGUES
Colaborador

São Paulo — Embora muitos setores de economia comecem a observar sinais de retração no consumo e na produção, ainda fica difícil identificar se esse movimento é apenas sazonal (comum nos primeiros meses do ano), ou de uma tendência que indique recessão. O diretor do Decad (Departamento de Estatística) da Fiesp, empresário Carlos Eduardo Uchoa Fagundes, salientou que a demanda (consumo) acelerada até o início do ano, garante ainda uma boa carteira de pedidos, suficiente para manter o setor produtivo sem alterações durante mais dois ou três meses. "Contudo — salientou Uchoa Fagundes — a preocupação de que um novo processo recessivo esteja em curso não está descartada. É preciso esperar para ver", comentou.

De outro lado, o presidente da Abinee (Associação Brasileira da Indústria Eletroeletrônica), Aldo Lorenzetti, mostra que a dificuldade no abastecimento poderá, ao lado de uma política irreal de preços, resultar numa retração da oferta de produtos. Segundo Roberto Caiuby Vidal, presidente da Abidb (Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Indústria de Base), as tarifas irreais acabam inviabilizando novos investimentos, especialmente em setores fundamentais para garantir o crescimento econômico. Exemplo: energia elétrica. Além disso, é preciso considerar que boa parte da manutenção do nível de atividade industrial (que impede redução na ocupação de mão-de-obra) deve-se, ainda, a uma natural

reposição dos estoques, reduzidos depois da febre de consumo", dos últimos meses do ano passado.

Mesmo assim, em alguns setores industriais já é possível sentir que a pressão dos pedidos começa a ceder lentamente. Além de eletroeletrônicos, podem ser enquadrados nesse rol os setores de autopartes, de fundidos. Embora o setor de máquinas continue com pedidos em carteira, o presidente da Abimaq-Sindimac (Associação e Sindicato da Indústria de Máquinas), Luís Carlos Delben Leite, entende que a cautela não deve indicar o caminho de redução da atividade das empresas do setor.

De qualquer maneira, no meio empresarial o "sinal antecipado" do comércio faz despertar uma certa apreensão. Primeiro porque as vendas já caíram no início deste ano no comércio varejista, conforme informou o presidente da Federação do Comércio no Estado de São Paulo, empresário Abran Szajman. Segundo, porque as estimativas do comércio não são as mais otimistas, prevendo um crescimento não superior a 4 por cento em 1987, pois os em-

A lguns setores da economia já começam mostrar desaquecimento, mas não se sabe se este fenômeno é sazonal ou se veio para ficar. A indústria ainda tem encomendas

presários contam com vários fatores que dificultarão o consumo: realinhamento das tarifas do Governo, elevação em alguns preços além dos salários, corrosão salarial por níveis mais elevados de inflação e, sobretudo, por uma "mordida" maior do "leão" (Imposto de Renda) este ano, coisa que não estava nos planos da classe média.

A isso, vários empresários conjugam outros fatores, como o aumento dos aluguéis, mais desembolso com escola, elevação nos preços dos combustíveis. E se não bastasse, o empresariado mantém suas atenções voltadas para a questão externa, onde a renegociação da dívida poderá trazer

dependendo de seus resultados — uma "folga" ou um novo "aperto" para o Brasil, via dificuldade ou facilidade para importar (e com isso manter o crescimento). Para exportar (e poder pagar os compromissos externos), tornar o Brasil atrativo aos recursos externos (novos investimentos na produção), etc. Nesse amplo leque de possibilidades para a economia neste ano, há, sem dúvida, um toque de pessimismo vindo, especialmente, do setor externo. Porque, muito bem observou o empresário Uchoa Fagundes, apenas depois de acertadas as contas externas é que será possível arrumar a casa e definir os planejamentos internos. Enquanto isso, a economia, no mínimo, entra em compasso de espera.

